



UnB

Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Roberto Lima Stefanelli Silva

Verbo de ligação e predicado nominal: conceito e análise sintática

Brasília/DF

2019

Roberto Lima Stefanelli Silva

Verbo de ligação e predicado nominal: conceito e análise sintática

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Prof^ª. Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles

Brasília/DF

2019

VERBO DE LIGAÇÃO E PREDICADO NOMINAL: CONCEITO E ANÁLISE SINTÁTICA

LINKING VERB AND NOMINAL PREDICATE: CONCEPT AND SYNTAX ANALYSIS

Roberto Lima Stefanelli Silva¹

Resumo: Apesar de continuamente ser reproduzida a mesma interpretação da Gramática Tradicional quanto aos verbos de ligação e predicado nominal, seja no âmbito do Ensino Básico ou Superior, há uma ampla discussão cheia de divergências a respeito do assunto no meio linguístico. Diante disso, este trabalho objetiva reinvestigar o conceito e a análise sintática dos verbos de ligação e, conseqüentemente, do predicado nominal, bem como identificar critérios para sua classificação e análise. Em particular, investigam-se as distinções entre: cópula e verbo de ligação; verbo nocional e verbo relacional; análise sintática e análise semântica. Para tal, serão colocados em discussão os posicionamentos de vários gramáticos e linguistas em uma tentativa de, senão aproximar de uma definição, afastar de algumas com contraposição. A metodologia a ser utilizada é a hipotético-dedutiva com visitação a gramáticas e a pesquisas acadêmicas.

Palavras-chave: Verbo de ligação. Cópula. Predicado nominal. Transitividade verbal.

Abstract: Although the same interpretation of the traditional grammar about the “linking verbs” and the nominal predicate is continually reproduced, whether in the context of elementary or higher education, there is a wide discussion full of disagreements about this subject matter in the linguistic environment. Given this, this paper aims to re-investigate the concept and the syntactic analysis of the “linking verbs”, and, consequently, the nominal predicate, as well to find criteria to its classification and analysis. Particularly, are investigate the distinction between copula and linking verb; notional verb and relational verb; syntactic analysis and semantic analysis. To this end, the positions of various grammarians will be put into discussion in an attempt to, if not approach a definition, move away from some with opposition. The methodology to be used is the hypothetical-deductive with visitation to grammars and academic researches.

Keywords: Linking verb. Copula. Nominal predicate. Verbal transitivity.

¹ Graduando em Letras - Português Licenciatura pela Universidade de Brasília (UnB) sob orientação da Profa. Dra. Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles.

1 INTRODUÇÃO

No âmbito da educação brasileira, seja de nível Básico ou Superior, os estudos de sintaxe costumam adotar conceitos da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) (BRASIL, 1959) e interpretações de análise sintática da Gramática Tradicional (GT), e muitas vezes deixam de lado atualizações mais recentes da linguística. No entanto, há assuntos que já eram controversos mesmo entre gramáticos mais tradicionais e até os dias atuais permanecem com seus debates em aberto, como é o caso dos predicados nominais e, dentro deles, dos verbos de ligação, também chamados de cópula ou verbos relacionais. Apesar de esses termos serem tratados como sinônimos em muitos estudos, também se percebe divergências em seu conceito.² Como aponta Evanildo Bechara (2004, p. 209), “[a] tradicional distinção de duas subclasses em verbos nocionais e verbos relacionais, que está na base da distinção de predicado verbal e predicado nominal, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos” e, assim, tal questão passa a ser analisada por gramáticas e pesquisas linguísticas que levantaram divergências sobre 1) quais os requisitos para considerar alguns verbos como de ligação ou cópula; 2) qual a diferença formal do predicado verbal e do predicado nominal; e 3) quais os critérios a serem utilizados para se fazer a análise sintática do predicado.

Em especial quanto aos verbos de ligação, tem-se uma ampla literatura com contribuição de inúmeras e contínuas pesquisas. Tais verbos costumam ser tratados como exceção, inclusive à regra básica de que o verbo é o núcleo da oração, pois a maioria dos autores os destituem dessa função tendo em vista uma suposta falta de carga semântica, em oposição aos verbos nocionais ou plenos, que constituem o denominado predicado verbal (ROCHA LIMA, 2011, p. 293; CUNHA; CINTRA, 2013, p. 149).

Não só precisam ser revisadas as diferenças entre predicado verbal e predicado nominal, como também as diferenças entre os próprios verbos de ligação e o conceito de cópula, pois, como afirma Ataliba Castilho (2010, p. 397), “[a]s diferenças sintáticas constatadas entre *ser* e *estar* constituem um dos mais desafiadores problemas da língua portuguesa, maiormente quando a comparamos às línguas românicas”. Assim, tanto o verbo *ser* como o verbo *estar* diferem entre si, quanto também se diferem ainda mais dos outros verbos de ligação, principalmente em relação ao *aspecto*³. Tradicionalmente, os principais verbos pertencentes a esse grupo são: *ser*, *estar*, *parecer*, *continuar*, *permanecer*, *andar*, *ficar* e *tornar-se*, mas alguns podem sair ou entrar nesta lista a depender dos autores⁴.

Uma classificação diferente para esses verbos separando-os dos demais se justifica tanto com critérios semânticos – uma suposta falta de conteúdo lexical e possibilidade de participar de proposições atributivas e identificacionais⁵ – quanto por critérios sintáticos – possibilidades

² Devido a isso, quando conveniente e apenas para maior clareza e uso de seus fins didáticos, adotar-se-á prioritariamente a NGB aqui também.

³ A concepção de *aspecto verbal*, como traço de telicidade ou temporal, parece ser unânime entre os autores contemplados na bibliografia, mas ainda assim há divergência no tratamento dado a isso. Trataremos dessa questão nas seções seguintes.

⁴ Ver, por exemplo, Travaglia (2004).

⁵ Quanto aos tipos de proposição com verbos de ligação, Castilho (2010, p. 332-333) difere ainda sentenças atributivas (que ocorrem com *predicativo*) e sentenças equativas (que ocorrem com *equativo*), tendo esta última a diferença sintática de possibilidade de comutação entre sujeito e equativo.

diferentes de reorganização frasal (comutação⁶, apassivação⁷, omissão do verbo⁸ etc.) e de complementação por sintagma adjetival, adverbial etc. (BECHARA, 2004, p. 426-428). Mas essas diferenças podem não ser o suficiente para dar a esses verbos um tratamento tão distinto, como chamá-los de “meros elementos de ligação” (BAGNO, 2011, p. 613).

Por isso, é necessário aprofundar os conhecimentos sobre os verbos de ligação, especialmente o verbo *ser*, e reformular, mais uma vez, os conceitos sobre eles, assim como a linguística e a filosofia vêm feito desde os antigos questionamentos sobre as classes de palavras e funções sintáticas, como lembra Bagno (2011, p. 407, grifos do autor):

Para Platão, por exemplo, aquilo que hoje chamamos de **adjetivo** entrava na categoria do *rhema*, do predicado, do verbo [...] porque o ato de predicar é exatamente o ato de atribuir qualidade/propriedade ao *ónoma*, ao nome/sujeito [...].

[...] porque todo adjetivo traz implícito um verbo, o verbo **ser**: quando digo apenas *mulher encantadora*, estou na verdade querendo me referir a *uma mulher* [que é] *encantadora*. Se digo *Viviane vive* posso também dizer: *Viviane é alguém que vive*. E é justamente por isso que as sentenças encabeçadas por um pronome relativo (*que*) são chamadas de **sentenças adjetivas**, porque desempenham a mesma função tradicionalmente atribuída aos adjetivos, isto é, atribuir uma “qualidade” ao argumento que está expresso na sentença principal [...].

Diante de tal histórico, este trabalho pretende reunir para o debate a contribuição de gramáticas e pesquisas acadêmicas com intuito de reinvestigar tal problemática, para que seja possível: entender um pouco mais sobre a sintaxe dos verbos de ligação; aproximar algumas respostas para lacunas na linguística, ou pelo menos afastar algumas controvérsias; identificar questões em aberto; e apresentar formas de análise sintática para nortear a reflexão. Por fim, busca-se refletir sobre a seguinte pergunta: será que a classificação e análise sintática a ser feita para essa questão deve ser puramente no campo da sintaxe ou necessita da contribuição do campo da semântica?

Tal estudo se mostra relevante não só por buscar preencher lacunas de longa data nos estudos linguísticos de sintaxe, mas também por contemplar trabalhos recentes que dão continuidade ao debate interminável quanto a este tema. Sabendo-se que há pesquisas em língua portuguesa em andamento ou recentemente publicadas com foco em entender melhor a interpretação sintática sobre o predicado nominal, este trabalho pode contribuir um pouco mais com a área. Assim, uma certa compilação dos estudos deste tema se faz relevante para retomar o debate e levá-lo adiante.

Sabendo-se que, como ciência, a linguística é passível de reanálise dos conhecimentos e transformação, não é surpresa encontrar ideias divergentes e até superadas ao longo de sua consolidação e evolução. Assim como as classificações de funções sintáticas e semânticas, “[a] distribuição das palavras em classes é um empreendimento teórico, ou seja, resultante de reflexão, de hipóteses e de testagens e, como todo empreendimento teórico, pode ser contestado, reformulado e até mesmo rejeitado” (BAGNO, 2011, p. 406). Assim, para se chegar a uma

⁶ Para alguns exemplos de comutação por pronome oblíquo e comutação entre sujeito e (complemento) predicativo em orações com verbo de ligação, ver Bechara (2004, p. 426-428).

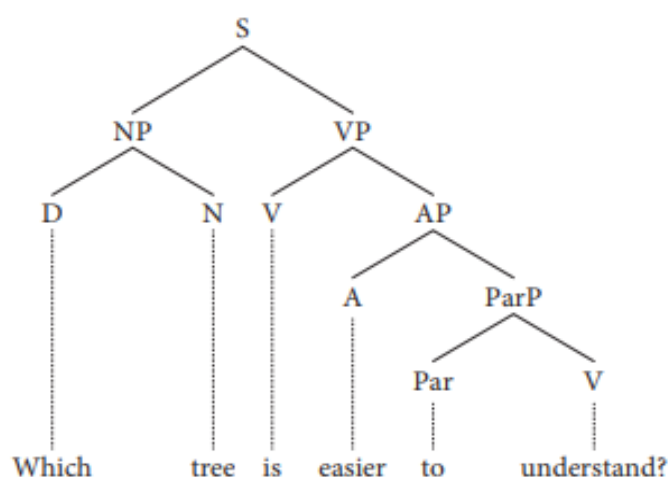
⁷ Em geral, apenas orações com verbos transitivos diretos (ou diretos e indiretos) podem ser passivizadas – ainda que nem todas, como é o caso do verbo *ter*, por exemplo (PERINI, 2011, p. 218) –, o que não é possível com verbos de ligação.

⁸ Em uma oração, o verbo pode estar “oculto pelas possibilidades de referência discursiva” (BECHARA, 2004, p. 414), como também é o caso das miniorações, que veremos adiante.

conclusão científica, leva-se em consideração algum método norteado por alguma teoria. É certo então que pressupostos podem influenciar no resultado alcançado, e é necessário, portanto, que essa abordagem teórica seja realmente adequada. Logo, dependendo da doutrina linguística, o mesmo objeto pode ter análises diferentes.

Tendo em mente a diversidade de abordagens teóricas no campo da linguística, serão bem-vindos no debate quaisquer autores que dediquem um momento de suas obras para tratar de nosso objeto, mas adotaremos em especial a teoria gramatical de Constituição, em vez da teoria de Dependência,⁹ uma vez que este trabalho tem maior familiaridade com a doutrina gerativista de Noam Chomsky e seu programa minimalista (CHOMSKY, 1995). Dessa forma, busca-se um entendimento mais simplista sobre a Língua, evitando-se excepcionalidades e tentando levar a análise sintática para um âmbito universal. Nessa perspectiva, a representação da estrutura da sentença em sintagmas constituintes seria da seguinte forma:

Esquema 1: Módulo mental conforme teoria da Constituição



Fonte: Tesnière (2015, p. xliii).

No esquema de árvore acima – que, como veremos adiante, não é muito atual –, a sentença (S) é constituída de sintagmas hierarquicamente organizados: um sintagma nominal (NP) + um sintagma verbal (VP), respectivamente sujeito e predicado. O NP é formado por um determinante (D) e um nome (N); enquanto o VP, por um verbo (V) e um sintagma adjetival (AP), que, por sua vez, é constituído por um adjetivo (A) e um sintagma preposicionado (ParP), constituído por uma partícula preposicional (Par) e um verbo (V) (TESNIÈRE, 2015, p. 44).

Assim, esclareceremos um pouco mais sobre estrutura sintática da oração na seção 2, em que também será investigado o tratamento comum dado aos verbos de ligação e, em seguida, analisaremos comentários de autores que contrastam dessa análise tradicional. Na seção 3, serão apresentadas propostas de análise para solucionar problemas identificados na seção anterior. Na seção 4, serão elencadas algumas lacunas já conhecidas e as agora encontradas no âmbito do problema em questão. Por fim, retomaremos nas considerações finais com uma síntese do que foi discutido neste trabalho.

⁹ Em defesa da teoria de constituição sintática, ver Tescari Neto (2017). Por outro lado, como referência na teoria de dependência, ver Tesnière (2015).

2 CONCEITO E ANÁLISE

Antes de seguir para as análises sintáticas, é relevante retomar alguns conceitos e pressupostos. Como é amplamente sabido, uma oração é uma frase verbal, que, prototipicamente, é a junção de um sujeito (que costuma ser o tópico) e um predicado (também entendido como comentário), onde se encontra o verbo. Na língua portuguesa, o protótipo de oração é formado por Sujeito + Verbo + Objeto (SVO), onde se espera que o verbo seja o núcleo do predicado por ser o predador da sentença, ou seja, aquele que seleciona os argumentos interno (complemento) e externo (sujeito) e atribui papel temático a eles (como de agente e paciente). Assim, “[a] oração é a projeção sintática das propriedades de subcategorização de um verbo, em outros termos, a projeção da estrutura argumental desse verbo. Nesse sentido, o verbo é o núcleo da oração” (GALVES, 1987, p. 1 apud CASTILHO, 2010, p. 252), isto é, o elemento que estrutura a oração. Consequentemente, “descrever orações é descrever também todos os tipos de verbo, pois esses constituem o centro semântico, o esquema proposicional da oração. Logo, o verbo é o ponto de partida da descrição da gramática de uma língua” (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 39).

Analisando essa estrutura oracional, portanto, entende-se que uma oração se estrutura em constituintes hierarquicamente organizados; e cada um desses constituintes possui um comportamento gramatical próprio, o que vale dizer que possui uma função própria (PERINI, 2005, p. 71). Daí cabe a distinção entre os tipos de verbos, quanto à transitividade, bem como entre os complementos verbais, constituindo o predicado. Seguindo com essa distinção, a tradição gramatical também distingue um tipo de predicado que, de certa forma, foge ao protótipo de oração SVO: o predicado nominal, formado por Sujeito + Verbo de ligação + Predicativo do sujeito, sendo este último elemento considerado como predador e, portanto, núcleo do predicado. A seguir, aprofundaremos nos estudos sobre esse tipo de predicado.

2.1 “Verbo de ligação como mero elemento de... ligação”

Ainda que a linguística tenha avançado bastante, Gramática Tradicional serve de guia no ensino de língua portuguesa nas escolas e universidades (TESCARI NETO, 2017), tendo concepções consolidadas no conhecimento comum de estudantes e formados. Por ora serão elencados a seguir os comentários de alguns dos gramáticos mais famosos, em relação à língua portuguesa.

Com uma análise de teor ainda um pouco tradicionalista – isto é, com menos contribuição da linguística –, que inclusive a teria materializado em respectivas gramáticas e na elaboração da NGB, destacam-se Celso Cunha e até mesmo Rocha Lima¹⁰, que, quanto ao predicado nominal, apresentam uma explicação já bem conhecida:

O predicado nominal tem por núcleo um nome (substantivo, adjetivo, ou pronome).
Consideremos as seguintes frases:
Pedro é doente

¹⁰ É interessante lembrar que Rocha Lima (2011, p. 418) apresenta, à época, uma rica e nova análise para categorização da transitividade verbal, elaborando um esquema para “a classificação geral dos verbos quanto à predicação”, a saber: *intransitivo*; *transitivo direto*; *transitivo indireto*; *transitivo relativo*; *transitivo circunstancial*; *bitransitivo*; *transobjetivo*; e *de ligação*. Quanto ao predicado “verbo-nominal”, note-se que o autor apresenta uma nomenclatura diferente (transobjetivo), mas a análise é a mesma da Gramática Tradicional.

	está	
	anda	
	permanece	
	continua	
	ficou	
	parece	

Em todas, a declaração feita relativamente ao sujeito Pedro contém-se no adjetivo doente. Este adjetivo é, na realidade, o predicado; mas, pelos seus caracteres de forma e posição, recebe particularmente o título de nome predicativo, ou, apenas — predicativo. Os verbos que aí figuram (ser, estar, andar, permanecer, continuar, ficar, parecer) são elementos indicativos dos diversos aspectos sob os quais se considera a condição de doente em relação a Pedro. Chamam-se verbos de ligação (ROCHA LIMA, 2011, p. 293)

Nos predicados nominais do tipo — o livro é excelente — não há complemento, porque a função predicativa não é exercida pelo verbo, e sim pelo próprio nome excelente. O verbo aí serve apenas de relacionar o predicado com o sujeito, exprimindo os vários aspectos sob os quais se considera essa relação: Pedro é doente (aspecto permanente); Pedro está doente (aspecto transitório), etc. (ROCHA LIMA, 2011, p. 418).

Note-se que há certas divergências quanto a análise do predicativo e do verbo de ligação quando este é seguido do tradicionalmente chamado *adjunto adverbial*, como no caso de Cunha e Cintra (2013, p. 147-148) compartilharem do entendimento bastante difundido de que, nas orações com esse verbos + advérbio, o verbo é significativo e, portanto, intransitivo; quando é seguido de substantivo, adjetivo, pronome, numeral ou oração substantiva, o verbo é de ligação. Por outro lado, outros autores reconhecem que sintagmas adverbiais também podem ser predicativos em proposições atributivas/identificacionais (BECHARA, 2004, p. 426-427), mas em proposições locativas, como “Eu estou em casa”, o verbo *estar* apresenta conteúdo semântico (no sentido de localizar-se), sendo classificado como intransitivo seguido de adjunto adverbial para os critérios da GT (conforme a NGB) ou transitivo circunstancial para a linguística, mas seu complemento não é predicativo do sujeito.

Assim, verbos como *ser* e *estar* não podem ser classificados como intransitivos ou transitivos, exceto quando utilizados no seu arcaico uso nocional (estar sentado e de pé, respectivamente) (BAGNO, 2011, p. 610-613), ou no sentido existencial e locativo (CASTILHO, 2010, p. 263). A depender do contexto frasal, os demais verbos pertencentes ao grupo relacional podem ter uso nocional, motivo de serem por vezes chamados de pseudocópulas. Said Ali (2001, p. 121) ainda os subclassifica como vocábulo de significação extinta (ser/estar); significação incompleta (parecer/ficar); ou de sentido latente (andar/ir/vir).

Outros linguistas de grande relevância, em especial em língua portuguesa, também aderem ao entendimento comum, como se vê nos trabalhos organizados de Mateus *et al* (2003), Kato e Nascimento (2009) e Vieira e Brandão (2009)¹¹. Vale lembrar que, apesar de não divergir da GT quanto a questão do *verbo de ligação*, autores como estes defendem bem e até acrescentam um pouco mais à tradicional interpretação, ao apontar, por exemplo, que “uma das marcas características de uma relação de predicação é a existência de concordância entre o predicativo e o sujeito” (DUARTE, 2003, p. 541), o que, porém, nem sempre ocorre. Essa característica é relevante, por exemplo, por discriminar uma ocorrência diferente das demais classificações de transitividade das formas verbais. Tais obras dão sua contribuição com

¹¹ Maria Eugênia Duarte (2009, p. 199) apresenta atualizações das classificações para argumentos internos de acordo com as propostas de Rocha Lima (2011, p. 418) e Mateus *et al* (2003), mas mantém o tratamento tradicional em relação ao conceito de verbos de ligação e predicados nominais (e verbo-nominais).

abordagens da gramática de constituição e detalham o funcionamento da estrutura oracional, tratando do predicado nominal com clara explicação:

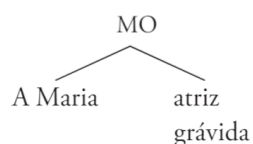
[É] possível concluir que, nas frases copulativas¹², exista um nexo tão forte e directo entre o predicativo do sujeito e o sujeito que o verbo copulativo parece não ter as propriedades típicas de um predicator. Este facto levou os gramáticos a considerar os verbos copulativos meros elementos de ligação e, na sequência desta tradição, alguns linguistas encaram-nos como simples lexicalizações de valores temporais, modais e aspectuais. De acordo com esta concepção, os verbos copulativos não seriam itens lexicais plenos, uma vez que não teriam grelha argumental, sendo o predicativo do sujeito o predicator principal da frase e o sujeito um argumento deste (DUARTE, 2003, p. 540).

Para detalhar ainda mais essa concepção, à luz da gramática de constituição, vários linguistas como Kato e Nascimento (2009) utilizam da seguinte explicação para orações como “Maria é atriz” e “Maria está grávida”:

Nessas sentenças, os verbos *ser* e *estar* selecionam¹³ um complemento, uma minioração (MO), no sentido de que temos um argumento (*Maria*) e um predicator (*atriz*, *grávida*):

[MO [argumento] [predicado]]

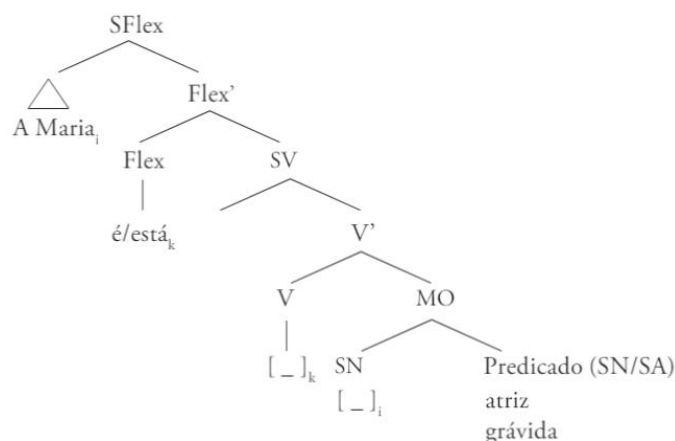
Tendo em vista que o predicator atribui papel temático ao seu argumento, estão cumpridas as exigências relativas à posição mais baixa da árvore. Temos, portanto, uma minioração (MO), composta de argumento de predicator não-verbal, em que o SN *atriz* e o SA *grávida* atuam como predadores do argumento, o SN *Maria*.



Para receber o estatuto de uma estrutura oracional, o verbo *ser* (e *estar*), que explicita marcas de tempo e pessoa, sobe para o núcleo de Flex. O SN [*Maria*] sobe para o especificador do nó Flexão e entra em relação de concordância com o verbo em Flex, do qual recebe Caso Nominativo:

¹² Nesse sentido, frases copulativas são as orações com *verbo de ligação*, sendo este o mesmo que *cópula*. No entanto, como veremos posteriormente, outros autores analisam diferentemente tais conceitos. Para uma distinção mais detalhada entre *verbo de ligação* e *cópula*, ver Oliveira (2001).

¹³ Note-se que nesse momento as autoras afirmam que o verbo (de ligação) seleciona um complemento, embora não seja o predicator da oração, por não atribuir papel temático.



(BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2009, p. 170-171).

No esquema acima, trabalha-se com o conceito de minioração, também conhecida como minissentença, oração pequena ou *small clause*, entendendo que a junção das duas palavras – sujeito e predicativo – apenas recebem o verbo de ligação para ganharem o *status* de oração, de forma que o predicativo é o real predador que seleciona o argumento sujeito. Na prática, o entendimento é o mesmo da tradição gramatical, mas agora mais elaborado, detalhado e fundamentado.

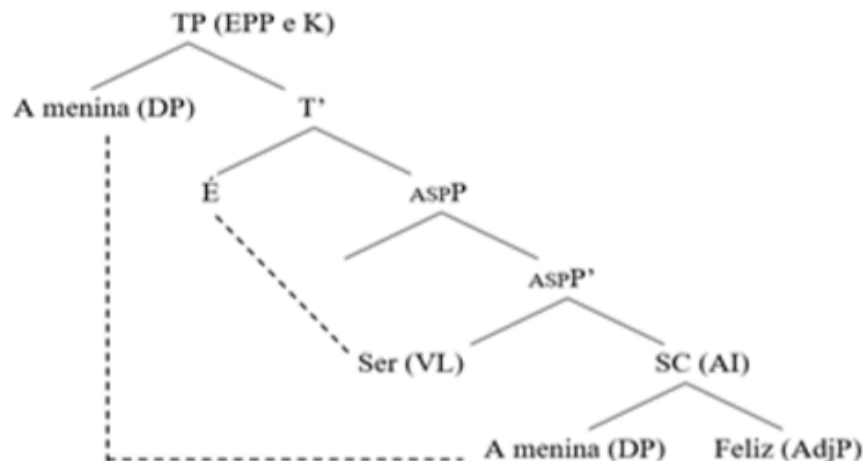
De igual modo, ao analisarem algumas áreas mais complicadas no estudo linguístico da língua portuguesa, Peres e Móia (1995, p. 23-24) corroboram com esse entendimento e, em razão da análise de orações reduzidas ou orações pequenas, chama de *argumento oracional* o complemento verbal das orações consideradas pela GT como verbo-nominais. Também Castilho (2010, p. 263), ao tratar do predicado verbo-nominal (cuja denominação dada ao verbo é *transobjetivo*), classifica a estrutura oracional como “sentença plena + minissentença”. Assim, a presença ou não de verbo de ligação não faria significativa diferença nessas sentenças, o que corroboraria com o entendimento construído até então.

Xavier, Kenedy e Oliveira (2018, p. 133) reiteram que

sobre atribuição de papéis temáticos, quando há VL na sentença, ele não é o predador, assim ele não seleciona argumento, nem pode atribuir papel temático. O que ocorre nesses casos é que o AdjP [Sintagma Adjetival] da *small clause* faz o papel de predador da sentença e ele seleciona um DP [Sintagma Determinante] como argumento externo. Nessa relação, apenas o predador [no caso, o predicativo do sujeito] atribui papel temático ao DP da *small clause*.

Em síntese, defendem que uma oração de predicado nominal surge, primeiramente, de uma *small clause*, e o verbo de ligação aparece posteriormente em uma etapa de marcação de aspecto (AspP) e, então, ocupa o centro da estrutura na etapa TP (Tense), onde recebe as flexões de tempo e concorda com o sintagma determinante (sujeito), conforme representação no módulo mental:

Esquema 2: Indicador sintagmático para verbos de ligação e small clause



Fonte: Xavier, Kenedy e Oliveira (2018, p. 136).

Levando em consideração ainda esse critério semântico, em geral autores funcionalistas também não aparentam apresentar óbice a tal análise. Bagno (2011, p. 441-444), por exemplo, levanta a hipótese de se analisar os adjetivos como uma categoria verbo-nominal, rompendo com a proposta dicotômica/dualista (ou verbo, ou nome) e adotando a proposta de *continuum* verbo-nominal de Hagège¹⁴, quanto às categorias de palavras, e da lexicogramática de Halliday¹⁵, explicando a gramaticalização dos verbos de ligação para se tornarem elementos funcionais (TRAVAGLIA, 2004). Em uma investigação diacrônica e comparada com outras línguas, principalmente dos verbos *ser* e *estar*, Bagno (2011, p. 613-614) apresenta mais uma vez o conhecimento sobre verbo de ligação:

Não tardou, contudo, para que os verbos *ser* e *estar* perdessem sua plenitude e deixasse de predicar, transformando-se nos chamados “verbos de ligação” que, na prática, quase não são verbos e, sim, meros elementos de... ligação. Esses verbos também recebem o nome de *cópula* ou *copulativos*. A predicação perdida por esses verbos se transferiu para o sintagma à sua direita, razão porque esse sintagma recebe o nome de *predicativo*, pois é ele que confere atributos aos outros argumentos da sentença. O esvaziamento dos verbos de ligação se comprova, por exemplo, no fato de não existirem verbos copulativos na maioria das línguas do mundos. Nelas, a ligação entre os nomes e seus predicativos se faz por simples justaposição [...].

Em russo também não se usa o verbo copulativo no presente. Na escrita ele é substituído por um travessão [...].

Em latim clássico, a omissão do verbo copulativo é muito frequente [...].

Em síntese, tais entendimentos apontam para uma desvalorização do verbo de ligação como verbo, no sentido de não funcionar como os verbos plenos, por não ter a carga semântica destes e, conseqüentemente, não selecionar argumentos e atribuir os mesmos casos e papéis temáticos a eles. Assim, o predicativo seria o elemento predicator, termo mais importante e núcleo da oração, enquanto o verbo de ligação daria o status de oração à frase, marcando flexão,

¹⁴ Claude Hagège (1982, p. 94 apud BAGNO, 2011, p. 444) propõe “uma visão escalar: do nome ao verbo, passando pelos outros elementos do enunciado, ocorre uma deriva sobre uma escala de percurso fluido”.

¹⁵ Halliday (2004, p. 43 apud BAGNO, 2011, p. 436) defende uma transição entre léxico e gramática a partir do contexto, de forma que uma palavra pode ser ora um elemento lexical, ora um elemento funcional.

aspecto e tempo. Porém essa não é a única interpretação possível. Alguns autores chegam a conclusões próximas, mas com argumentos diferentes; outros já divergem bastante desse resultado por usar critérios diferentes para as análises sintática e semântica, filtrando os fatos sintáticos¹⁶ (PERINI, 2005, p. 42-43).

2.2 Entendimentos que rompem com a tradição gramatical quanto ao predicado nominal

Com o compromisso de descrever (e não prescrever) a sintaxe da língua, gramáticos e linguistas desenvolveram obras com abordagens de maior contribuição da linguística, em que trouxeram algumas ou várias adaptações de conceitos e análises, além de inevitavelmente fugir à NGB. Quanto ao predicado nominal e verbo de ligação, muitos mantiveram o entendimento tradicional, enquanto outros se desvincularam da análise padrão e trouxeram complexos aprofundamentos quanto à área, com livros, artigos, dissertações e teses.

No campo das gramáticas, há autores que, apesar de reconhecer um funcionamento diferente para o chamado *verbo de ligação* em relação às outras categorias verbais, ainda identificam semelhanças entre os tipos de verbos, seja no sentido de assemelhá-los aos verbos transitivos por conta da estrutura oracional e predicação incompleta, seja no sentido de encontrar neles carga semântica suficiente para serem mais do que meros elementos de ligação.

Com fundamento em Émile Benveniste (2005, p. 169), o qual afirma que uma oração tradicionalmente considerada de predicado nominal “é uma frase [ou oração] verbal, paralela a todas as frases [ou orações] verbais”, Bechara (2004, p. 209) ressalta que a distinção entre predicados verbal e nominal “é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração [e, conseqüentemente, do predicado] é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago”, visto que a estrutura oracional é basicamente a mesma tanto para verbos nocionais quanto para verbos relacionais, e “assim é que as orações ditas favoritas [ou prototípicas] não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva” (BECHARA, 2004, p. 414).

Dessa forma, ao tratar dos verbos de ligação, Bechara (2004, p. 424-426, grifos do autor) aprofunda e exemplifica a questão:

Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito. Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo [...].

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque

¹⁶ Conforme Perini (2011, p. 43), fatos sintáticos são os fatos linguísticos mais relevantes para a sintaxe, como: “(a) posição linear na sequência; (b) agrupamento em constituintes; (c) manifestações da relação de regência; (d) correspondência; (e) retomada anafórica”.

muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor / Pedro canta; O colega está irritado / O colega irrita-se*.

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo, *Ele é meu irmão, meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função. A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima. A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser, estar, ficar e parecer*:

- O trabalho é *proveitoso*. O trabalho *o* é.
- As alegrias eram *passageiras*. As alegrias *o* eram.
- Janete é *minha irmã*. Janete *o* é.

Mas:

- A professora continua *doente*. * A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto. A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

- Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*.

Assim, o gramático reconhece semelhanças e diferenças entre os grupos verbais e aponta certas excepcionalidades dos verbos de ligação, mas ainda assim tais fatos não são suficientes para retirar destes verbos o *status* de núcleo do predicado, respeitando o pressuposto básico de que o núcleo da oração é sempre o verbo (BECHARA, 2004, p. 209; PERINI, 2005, p. 71).

Para Benveniste (2005, p. 187-188), verbos como “ser” são verbos ativos, assim como “ir” e “comer”, não devendo ser tratados como exceções. O autor também compara o verbo “ser” ao verbo “ter” como verbos auxiliares, ativos e transitivos, além de não serem suscetíveis a uma forma passiva (BENVENISTE, 2005, p. 211-212). Dessa forma, pode-se perceber o grupo dos chamados *verbos de ligação* não como de característica menos verbal ou de “mero elemento de ligação”, mas com característica de mais possibilidades de uso e produtividade.

Para Perini (2005, p. 71-72), os tradicionalmente chamados verbos de ligação são núcleos do predicado assim como os verbos plenos, pois “[o] verbo desempenha na oração unicamente a função de núcleo do predicado; essa é a única função que um verbo pode desempenhar, e somente um verbo pode ser núcleo do predicado”. O autor esclarece que tal entendimento não significa que aquele tipo de verbo “seja a palavra mais importante, nem que esteja transmitindo a parte mais relevante da mensagem”, mas que a análise sintática da oração a ser feita é em relação “com sua organização formal, e não com sua interpretação semântica”. Nesse sentido, o tradicionalmente chamado predicativo do sujeito é um complemento verbal, que Perini (2005, p. 82) denomina de *complemento do predicado* (CP), deixando o termo *predicativo* para designar a função quando em predicados verbo-nominais.

Nesse sentido, quanto aos complementos verbais, “[h]á quatro funções relevantes em português, a saber: objeto direto [OD], complemento do predicado [CD], predicativo [Pv], adjunto circunstancial [AC]” (PERINI, 2005, p. 165). Tais funções são distinguidas levando em consideração certos traços sintáticos¹⁷. Utilizando-se desse critério, o autor encontra semelhanças nas funções de objeto direto e complemento do predicado, tanto que aponta que,

¹⁷ São sete os traços delineados por Perini (2011, p. 90) para fazer as classificações das funções sintáticas: 1) concordância verbal [CV]; 2) anteposição [Ant]; 3) retomada por *que* [Q]; 4) concordância nominal; 5) foco de frase clivada correspondente [CI]; 6) posição auxiliar [PA]; e 7) ocorrência somente antes do verbo.

em obra anterior, havia de fato considerado esta classe sintática como pertencente à de objeto direto, pois “não é muito fácil distinguir essas duas funções”, no entanto o traço de concordância nominal com o sujeito, presente na classe de complemento do predicado, é o que distingue esta daquela (PERINI, 2005, p. 81-82).

Tal reflexão sobre uma possível transitividade dos verbos de ligação é presente em várias gramáticas. Napoleão Mendes de Almeida (1999, p. 167), por exemplo, afirma que, assim como os verbos transitivos, verbos de ligação “são também de predicação incompleta [...] e, conseqüentemente, requerem um complemento, com a diferença de ser este constituído de qualidade e não de pessoa ou coisa”, ou seja, mesmo que o predicativo seja um substantivo, trata-se de uma qualidade referente ao sujeito. Por sua vez, José Carlos de Azeredo (2010, p. 214, grifos do autor) também os assemelha aos verbos transitivos, declarando dependência mútua entre verbo e predicativo/complemento, bem como aos verbos intransitivos, mas com a diferença de necessariamente ocorrer com a presença do predicativo:

Sintaticamente, os verbos de ligação se parecem com os verbos transitivos, uma vez que podem coocorrer com termos adjacentes típicos dos predicados cujo núcleo é um verbo transitivo. Comparem-se:

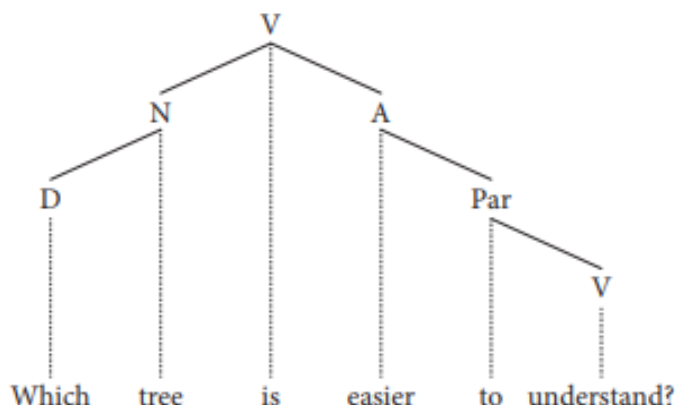
- Sua filha *está* uma bela moça.
- e
- Seu filho *escolheu* uma bela moça.

Tal como acontece com os verbos transitivos, estabelece-se entre o verbo de ligação e o termo adjacente uma relação de implicação mútua. É este fato que distingue, sintaticamente, o verbo de ligação de outros verbos (intransitivos) seguidos desse mesmo termo adjacente, Comparem-se:

- Os pássaros *voam* livres.
- A mulher *parou* assustada.
- Os pássaros *estão* livres.
- A mulher *ficou* assustada.

Tal abordagem se identifica com a teoria da Gramática de Dependência, no sentido de que, do ponto de vista sintático, o verbo ainda seria o núcleo da oração e a relação entre os elementos oracionais se daria por dependência, conforme esquema:

Esquema 3: Módulo mental conforme teoria da Dependência



Fonte: Tesnière (2015, p. xliii).

3 PROPOSTAS DE ANÁLISE

3.1 Análises Puramente Sintáticas

Como visto em Perini (2005, p. 42-43), é importante selecionar os fatos sintáticos para o estudo das funções sintáticas, levando em consideração apenas o que é mais importante para a análise. Nessa distinção, difere *significante* e *significado* como, respectivamente, *forma* e *semântica*, chamando atenção para a “necessidade de estudar separadamente os dois aspectos” (PERINI, 2005, p. 38-39), e assim desconsidera contribuições semânticas (como significado lexical e aspecto) para tal recorte:

A análise sintática que passarei a expor difere em muitos aspectos importantes da análise sintática encontrada nas gramáticas usuais. Em primeiro lugar e acima de tudo, é uma análise *sintática* e não *semântica* — ou seja, uma descrição da estrutura *formal* da oração, sem levar em conta o eventual significado dela e de seus componentes (PERINI, 2005, p. 68).

Dessa forma, em uma análise puramente sintática, Perini (2005) identifica traços morfossintáticos (como concordância nominal ou verbal, posição na sentença, coocorrência com determinados elementos etc.) para fazer a classificação dos elementos da oração¹⁸ e identificar matrizes de transitividade verbal levando em consideração os traços de exigência (Ex), recusa (Rec) e aceitação livre (L) dos verbos em relação aos tipos de complementos verbais anteriormente identificados, bem como a porcentagem de verbos pertencentes à matriz:

- I. [L-OD, L-AC, Rec-Pv, Rec-CP] (57,6%): comer
- II. [Ex-OD, L-AC, Rec-Pv, Rec-CP] (22,3%): encontrar
- III. [Rec-OD, L-AC, Rec-Pv, Rec-CP] (5,1%): acontecer
- IV. [Rec-OD, Ex-AC, Rec-Pv, Rec-CP] (3,7%): morar
- V. [Ex-OD, Ex-AC, Rec-Pv, Rec-CP] (2,1%): acostumar
- VI. [Ex-OD, L-AC, L-Pv, Rec-CP] (1,3%): considerar
- VII. [L-OD, L-AC, L-Pv, L-CP] (0,7%): julgar
- VIII. [L-OD, L-AC, Rec-Pv, L-CP] (0,6%): permanecer [...]
- IX. [Ex-(OD v AC), Rec-Pv, Rec-CP] (5,2%): lembrar
- X. [Ex-(CP v AC), Rec-OD, Rec-Pv] (0,7%): estar
- XI. [Ex-(CP v Pv), Ex-OD, L-AC] (0,7%): sentir (PERINI, 2005, p. 166)¹⁹

¹⁸ Relembrando, para o estudo da transitividade verbal, Perini (2005, p. 165) identifica como funções sintáticas relevantes dos termos da oração as de: “objeto direto [OD], complemento do predicado [CP], predicativo [Pv] e adjunto circunstancial [AC]. Todas as outras funções são irrelevantes, por serem aceitas livremente por qualquer verbo”.

¹⁹ Perini (2005, p. 166) ainda esclarece que as três últimas matrizes (IX, X e XI) relacionadas “apresentam a peculiaridade de exigir OD ou AC, ou então CP ou AC, ou ainda CP ou Pv. Por exemplo, os verbos que seguem a primeira dessas matrizes [IX] podem ocorrer sem OD, mas nesse caso devem ter AC; ou sem AC, mas nesse caso precisam ter OD; e assim paralelamente para as outras duas matrizes”.

Por sua vez, Alarcos Llach (1968/1970, p. 110 apud CASTILHO, 2010, p. 264) propõe uma “abordagem pronominal da sintaxe”, que permite uma análise da transitividade sem interferência do léxico e de seu consequente significado com imposições semânticas, identificando cinco processos de transitividade resultantes da análise à luz da pronominalização²⁰. Em língua portuguesa, tal proposta também permite identificar as marcas de casos acusativo e dativo nos complementos verbais.

3.2 Análises com Contribuição Semântica

Sobre a semântica dos verbos de ligação, estudos recentes investigam 1) se, dentro do grupo de verbos de ligação, *ser* e *estar* são exceções e os únicos que podem ser chamados de *cópulas*; e 2) se, nas análises sintático-semânticas quanto às transitividades verbais, os verbos relacionais devem ser tratados como exceção ao padrão ou se também são predicadores e atribuem papéis temáticos aos seus argumentos. Para a investigação, costuma-se usar testes de prototipicidade e gramaticalidade.

Dentre os verbos de ligação, costuma-se entender apenas o verbo *ser* e *estar* como *cópulas*, por suas fortes semelhanças e possibilidade de igual uso em alguns contextos, inclusive locativos, sem mudança no significado. De igual forma, há contextos que apenas um dos verbos pode ser utilizado ou que a preferência por um é uma questão pragmática, e não sintático-semântica, como demonstram Santos e Silva (2018, p. 238-239):

- (14) a. *A ilha do Mel esteve localizada no Paraná ontem/durante a semana passada.
- b. *A Ilha do Mel estava localizada no Paraná ontem/de terça a sexta passada.
- c. *A Ilha do Mel foi localizada no estado do Paraná durante a semana passada.
- d. *A Ilha do Mel era localizada no Paraná durante a semana passada.

Surpreendentemente, não se verifica nenhuma diferença de gramaticalidade nas sentenças, esteja em jogo a *cópula ser* ou a *cópula estar*. Contudo, a inaceitabilidade dessas sentenças pode ser fruto do conhecimento de mundo dos falantes, que supõem que uma ilha não pode ter sua localização mudada em uma semana ou um dia. Se construídas com um adverbial temporal restrito, mas compatível pragmaticamente com o conhecimento de mundo dos falantes, as sentenças não parecem mais inaceitáveis:

- (14') a. A Ilha do Mel esteve localizada no Paraná durante a era glacial.
- b. A Ilha do Mel estava localizada no Paraná durante toda a era glacial.
- c. ?A Ilha do Mel foi localizada no estado do Paraná durante a era glacial.
- d. A Ilha do Mel era localizada no Paraná durante toda a era glacial.

A ausência de contrastes claros aqui faz pensar que talvez o fenômeno em questão seja pragmático e não semântico [...]. Em todo o caso, seja uma coisa ou outra, neste contexto não parece haver diferença entre usar a *cópula ser* ou a *cópula estar*.

²⁰ Esses cinco processos de transitividade são: Implementação, Complementação, Suplementação, Aditamento e Atribuição. Para o autor, o processo de Atribuição abarcaria o caso dos verbos de ligação, ou da minissentença.

Pavão e Vieira (2013, p. 51) percebem que há certa carga semântica, de que trata o aspecto, nos verbos de ligação, distribuindo-se “num *continuum* semântico, que relaciona noções como: permanência e transitoriedade; duração e pontualidade; continuidade e descontinuidade; aparência e essência”, e que em certos contextos estes verbos podem ou não ser comutáveis entre si. As autoras explicam:

O estudo da configuração semântica das construções com esses verbos [*ser* e *estar*] mostra que eles têm alguma parcela de contribuição semântica para a significação da predicação; assim, não são totalmente vazios de significado, ou, pelo menos, não o são em todas as construções. A troca de uma forma verbal por outra resulta em alterações de significado, como se vê em enunciados como *A menina é/está feliz* ou *A vida é/está difícil*, em que cada verbo relacional utilizado se presta à marcação de diferente nuance de estado: permanência e transitoriedade, respectivamente. E, ainda, a depender do contexto linguístico ou discursivo-pragmático, outros sentidos podem ser atualizados, como os de: continuidade e até aparência, que outros verbos relacionais normalmente marcam (andar e parecer), como nos exemplos: “As coisas aqui em casa *ainda estão* difíceis” (*continuum*), “As pessoas *estão* *sempre* preocupadas com a vida dos outros” (*andam*), “O custo de vida *ainda está* pela hora da morte” (*permanece, continua*), “Aparência é tudo! Com essa indumentária, *estou* ou não uma perua, uma verdadeira Valdirene?” (*pareço*) (PAVÃO; VIEIRA, 2013, p. 41, grifos das autoras).

Após um profundo estudo sobre os verbos de ligação, Oliveira (2001) distingue-os de verbos copulativos, estabelecendo critérios para o conceito de cópula, sendo estes verbos os que apresentam as seguintes características:

- a) não impõem restrições de selecção semântica ao seu sujeito estrutural;
- b) não impõem restrições de selecção categorial ao elemento “predicativo”;
- c) seleccionam como complemento uma Oração Pequena.
- d) aparecem configuracionalmente posicionados como uma espécie de “elo” entre um sujeito e um “predicativo” de sujeito;
- e) permitem, sob certas condições, a troca de posição dos sintagmas com que surgem combinados, sem que isso afecte a interpretação da proposição;
- f) apresentam um conteúdo semântico vazio que, até certo ponto, se concretiza pelo contexto frásico em que surgem realizados;
- g) são um elemento verbal que apenas carrega as marcas flexionais de tempo, modo, aspecto e concordância;
- h) não se integram nas classes aspectuais dos eventos, nem denotam, pelo seu significado, qualquer tipo de transição de classe aspectual (OLIVEIRA, 2001, p. 67-68).

Dessa forma, apesar de “que várias destas características são aplicáveis a alguns dos outros verbos que a tradição admite fazerem parte do grupo dos verbos copulativos”, Oliveira (2001, p. 68) defende que o verbo *ser* é o único que preenche todos esses requisitos; nem mesmo o verbo *estar* – “que tradicionalmente também se integra no grupo dos verbos copulativos e é, de entre todos eles, aquele ao qual é reconhecida uma maior proximidade com *ser* [...] e não impõe qualquer tipo de restrição semântica em relação ao seu sujeito estrutural, podendo combinar-se tal como *ser*, com elementos [+animados], [+/- humanos], [+/- concretos], etc.” – pode ser considerado como cópula, pois não permite “tipicamente a construção de verdadeiras

[proposições] equativas” (OLIVEIRA, 2001, p. 69), além de que “as construções com *estar* dão conta de estados resultantes, enquanto aquelas que integram *ser* se reportam a estados lexicais, sem limite temporal” (OLIVEIRA, 2001, p. 77). Assim, contrapõe-se ao que até então entendia-se sobre verbos copulativos e propõe que seja revista uma outra classe verbal para aqueles que não mais pertencem a ela:

Estamos pois em condição de assumir como único verbo verdadeiramente copulativo o verbo *ser* e de proceder à sua análise com base neste pressuposto. Os outros verbos, que a tradição consagra como verbos copulativos, apresentam diversas características da cópula, mas não preenchem todos os requisitos, pelo que será necessário entendê-los como integrados numa outra classe de verbos que permitem enunciados estativos. (OLIVEIRA, 2001, p. 79)

Envolvendo também os estudos sobre tais verbos, Cunha e Souza (2011) categorizam as transitividades verbais em diferentes *processos* – Material; Mental; Relacional/Atributivo/Identificador; Verbal; Existencial; e Comportamental –, enquadrando os verbos que têm significado de “Ser, Classificar, Definir” no grupo Relacional/Atributivo/Identificador, cujos argumentos possuem papéis temáticos de “Portador e Atributo” ou “Característica e Valor”, conforme descrição:

Processos relacionais são aqueles que estabelecem uma conexão entre entidades, identificando-as ou classificando-as na medida em que associam um fragmento da experiência a outro. Essa relação pode denotar: *intensidade* (quando uma qualidade é atribuída a uma entidade: *A inclinação brasileira nesse sentido está **nítida** há anos*), *circunstância* (quando uma circunstância de tempo ou lugar é atribuída a uma entidade: ***Nos arquivos da Câmara dos Vereadores** está um livro com os Termos da Vereação de 1714 a 1738*), e *possessividade* (quando existe uma relação de posse: *Todos os dias penso como é bom tê-lo **como namorado***).

Os processos relacionais podem ser *atributivos* ou *identificadores*. Nos *atributivos*, o participante chamado de *Atributo* é uma qualidade dada ao participante classificado como *Portador*, conforme podemos perceber no exemplo seguinte, em que esse participante está sublinhado e o Atributo em negrito: *Quando o emprego começa a declinar o migrante é visto **com maus olhos***.

Nos *identificadores*, há a definição ou identificação de uma entidade através de uma outra. Esse tipo de oração tem um participante *Característica* -- a entidade definida -- e um participante *Valor* -- o termo definidor ou identificador. A oração seguinte concretiza os conceitos referidos, sinalizando o participante *Característica* com sublinhado e o *Valor* com negrito: *Eles são **81% dos camelôs da cidade, 60% dos taxistas*** (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 73-74, grifos das autoras).

Nesse sentido, a tradicional divisão entre verbos nocionais e relacionais seria ultrapassada, entendendo os processos relacional/atributivo/identificador tão excepcionais quanto os demais cinco processos. Consequentemente, não seria justificável destituir os verbos de ligação de sua função predicadora na oração, visto que, dentre as várias possibilidades de papéis temáticos que os argumentos verbais podem ter, é cabível atribuir papéis temáticos próprios para os argumentos verbais de uma proposição relacional.

4 LACUNAS

Após a revisão literária quanto aos verbos de ligação, percebe-se que muitas das análises se contrastam, como também preenchem ou abrem lacunas para estes estudos. Como foi visto nas seções anteriores, os autores se dividem principalmente em duas posições sobre tais verbos, que aqui definiremos como: 1) elemento de ligação de semântica esvaziada e de funcionamento sintático excepcional à estrutura oracional padrão; e 2) elemento verbal significativo de funcionamento sintático semelhante aos demais verbos.

4.1 Elemento de ligação de semântica esvaziada e funcionamento sintático excepcional à estrutura oracional padrão

Quanto ao primeiro entendimento, em que o predicativo do sujeito é o predador da oração, levantam-se alguns questionamentos (XAVIER; KENEDY; OLIVEIRA, 2018), como:

1.1) por o sujeito ser argumento do predicativo, o verbo de ligação seria o mesmo de verbo de alçamento?

1.2) o verbo de ligação é o mesmo que cópula?

1.3) por não possuir objeto, o verbo de ligação deve ser classificado como inacusativo?

1.4) qual a análise sintática de proposições locativas com verbo de ligação, isto é, advérbios podem ser predicativos do sujeito quando em sintagmas preposicionados?

1.5) a categoria de verbo-suporte (CASTILHO, 2010, p. 410; NEVES, 2011, p. 53-54) poderia abarcar os verbos de ligação?

1.6) diante da diversidade de processos verbais – como os apontados por Cunha e Souza (2011, p. 39), em que se nota peculiaridades em verbos como *ter*, *existir*, *haver* –, orações com verbo de ligação seriam então a única exceção à regra de que o verbo é o núcleo do predicado?

Com intuito de propor uma nova estrutura sintática para as sentenças com verbos de ligação, Xavier, Kenedy e Oliveira (2018) descrevem a construção de sua natureza sintática e demonstram características semelhantes e distintas entre esses verbos e os de alçamento, cópula e inacusativos, por meio de testes de gramaticalidade e prototipicidade, chegando ao seguinte resultado e respondendo às perguntas 1.1), 1.2) e 1.3):

- a) O VL não seleciona um argumento, seleciona uma small clause;
- b) O único VL que pode ser considerado como verbo de cópula é o verbo “ser”;
- c) O VL apresenta conteúdo semântico, pois pode indicar aspecto télico ou atélico;
- d) O VL não permite a posposição do sujeito;
- e) Apesar de não selecionar argumento externo, comportamento também verificado nos verbos inacusativos e nos verbos de alçamento, o VL não pode ser considerado semelhante a esses dois verbos, pois não é prototípico, ou seja, não apresenta todos os comportamentos sintáticos que os verbos inacusativos e de alçamento apresentam (XAVIER; KENEDY; OLIVEIRA, 2018, p. 131).

A respeito da possibilidade de os tradicionalmente chamados adjuntos adverbiais serem predicativos, em especial em proposições locativas (1.4), os autores aqui estudados parecem

indicar que não há necessidade para tal classificação, visto que, do ponto de vista semântico, os verbos de ligação que permitem a construção de tais sentenças (como *estar* e *ficar*) apresentam seu significado original. No entanto, por não ter sido principal objeto deste estudo, tal questão, assim como as 1.5 e 1.6, permanece aqui inconclusa e merece ser aprofundada em outras pesquisas. Mas, por ora, parece ser possível que a definição de verbo-suporte seja compatível com os verbos de ligação, mas a definição deste não é compatível com aquele. Também, além dos verbos de ligação, verbos existenciais e apresentacionais não se mostram bem como predicadores, podendo também ser destituídos do *status* de núcleo da oração (BAGNO, 2011, p. 620-621).

4.2 Elemento verbal significativo de funcionamento sintático semelhante aos demais verbos

Quanto ao segundo entendimento, indaga-se:

2.1) os verbos *ser* e *estar* deveriam ser enquadrados na mesma tipologia verbal que os demais verbos de ligação?

2.2) na hipótese em que o verbo de ligação possui argumento interno (não como small clause), qual seria o caso e papel semântico atribuído a este complemento?

2.3) quais seriam as consequências na linguística ao considerar os chamados *verbos de ligação* como núcleo ou um dos núcleos do predicado?

Sobre 2.1, o entendimento de Oliveira (2001) satisfaz a pergunta, diferenciando verbo de ligação e cópula, sendo este apenas o verbo *ser*. Para 2.2, Cunha e Souza (2011) apresentam papéis semânticos para proposições com verbo de ligação, mas permanece inconclusa a questão do caso, que pode ser comparada com outras línguas onde ocorre a marca morfológica de caso ou buscar novamente uma análise à luz da pronominalização; no entanto, o caso nominal parece ser o mais provável, principalmente em proposições equativas, onde se pode inverter as posições de sujeito e equativo (CASTILHO, 2010, p. 332-333). Por fim, quanto às consequências de tal retratação, seria necessário repensar a compatibilidade dessa proposta com os estudos linguísticos recente, em especial quanto à seleção de uma small clause pelo verbo de ligação defendida por Xavier, Kenedy e Oliveira (2018) e demais pesquisadores gerativistas.

De qualquer forma, a depender da seleção de fatos sintáticos, como visto na seção anterior, ambas propostas para o tratamento quanto aos verbos de ligação são válidas e apresentam lacunas, necessitando de mais empreendimentos investigativos para dar continuidade ao estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, vimos que muitos conceitos e entendimentos na área da sintaxe são controversos e os autores que os discutem, desde gramáticos mais tradicionais até linguistas mais contemporâneos, possuem correntes teóricas e critérios de análise diferentes, que podem influenciar nos resultados de suas pesquisas, além de muitas vezes suas atualizações não chegarem aos pesquisadores da área, que podem se distanciar mais ou menos da NGB e da GT.

Assim, a revisão e compilação das obras elencadas se fez interessante para atualizarmos os estudos sobre os verbos de ligação, de forma a identificar e preencher lacunas na literatura. Além disso, percebemos que, em certos pontos, tais obras podem se complementar e, quando relacionadas, aproximam-se de respostas. Por outro lado, ainda há questões em aberto e um contraste marcante nas linhas teóricas sobre esses verbos, de forma que os autores se dividem principalmente naqueles que os percebem como 1) elemento de ligação de semântica esvaziada e funcionamento sintático excepcional à estrutura oracional padrão; e aqueles que os defendem como 2) elemento verbal significativo de funcionamento sintático semelhante aos demais verbos.

O primeiro posicionamento é mais forte na literatura, de forma que as pesquisas recentes praticamente não levam em consideração a segunda possibilidade, principalmente no âmbito da corrente gerativista. No entanto, vimos que o segundo entendimento é bastante válido, por conseguir ser defendido tanto com critérios puramente sintáticos quanto com critérios sintático-semânticos à luz da análise de processos de Cunha e Souza (2011). E, de qualquer modo, é sempre possível retratar conhecimentos científicos, em especial quanto à linguística, por serem empreendimentos teóricos, como explicado por Bagno (2011, p. 406).

Em especial, tentamos identificar 1) os requisitos para considerar alguns verbos como de ligação ou cópula, que, por ora, adotamos o entendimento de Oliveira (2001) no sentido de que o verbo *ser* é a única verdade cópula do português; 2) as diferenças formais do predicado verbal e do predicado nominal, em que dentre elas podemos elencar a classe morfológica do complemento verbal e a concordância morfossintática deste com o sujeito; e 3) os critérios a serem utilizados para se fazer a análise sintática do predicado, os quais distinguimos entre puramente sintáticos e sintático-semânticos, evitando-se intervenção pragmático-discursiva.

Também foram identificadas lacunas as quais não conseguimos responder, que se resumem a: na hipótese de se utilizar de outra classificação para verbos de ligação (como verbo-suporte, verbo transitivo etc.), qual seria essa classificação e, consequentemente, qual seria a análise sintática de seu complemento (como complemento predicativo) e predicado como um todo (como predicado nominal)? Questão esta que pode ficar de recomendação para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática houaiss da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. Tradução: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Revisão: Isaac Nicolau Salum. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BERLINCK, Rosane de Andrade; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; OLIVEIRA, Marilza de. Predicação. *In*: KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton do (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: a construção da sentença. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009. v. 3, p. 101-188.

BRASIL. **Portaria n. 36, de 28 de janeiro de 1959**. Nomenclatura Gramatical Brasileira. Rio de Janeiro, RJ: Ministério de Estado da Educação e Cultura, 1959. Disponível em: <https://docs.ufpr.br/~borges/publicacoes/notaveis/NGB.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CHOMSKY, Noam. **The minimalist program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

CUNHA, Maria Angélica da; SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção leituras introdutórias em linguagem. v. 2).

DUARTE, Inês. A família das construções inacusativas. *In*: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

DUARTE, Maria Eugênia. Termos da oração. *In*: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2009.

KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton do (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: a construção da sentença. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009. v. 3.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Pereira. **As frases copulativas com ser**: natureza e estrutura. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/13058>. Acesso em: 28 out. 2019.

PAVÃO, Bruna Gois; VIEIRA, Marcia dos Santos Machado. Predicações com os verbos relacionais ser e estar. **Revista Diadorim** (Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro). v. 14, p. 34-52, dez. 2013. DOI: 10.35520/diadorim.2013.v14n0a4057. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4057>. Acesso em: 28 out. 2019.

PERES, João Andrade; MÓIA, Telmo. **Áreas críticas da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1995.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Revisão e atualização: Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Companhia Melhoramentos. 8. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SANTOS, Jovania Maria Perin Santos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo. Ser e Estar em sentenças locativas: observações voltadas à formação de professores da PLE. **Revista da ABRALIN**, v. 17, n. 1, p. 226-261, 2018. DOI: 10.25189/RABRALIN.V17I1.492. Disponível em: <http://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/492>. Acesso em: 28 out. 2019.

TESCARI NETO, Aquiles. Constituição sintática, ambiguidade estrutural e aula de português: o lugar da teoria gramatical no ensino e na formação do professor. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 129-152, jan. 2018. DOI: 10.5007/1984-8420.2017v18n2p129. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2017v18n2p129>. Acesso em: 28 out. 2019.

TESNIÈRE, Lucien. **Elements of structural syntax**. Translated by Timothy Osborne and Sylvain Kahane. Philadelphia, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 2015. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/z.185/fulltext/z.185.pdf>. Acesso em: 28 out. 2019

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Verbos de ligação: itens lexicais ou gramaticais?. **Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 33, p. 1-6, 2004. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/travaglia/sistema/uploads/arquivos/artigo_verbos_de_ligacao_itens_lexicais_gramaticais.pdf. Acesso em: 28 out. 2019.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2009.

XAVIER, Gláucia do Carmo; KENEDY, Eduardo; OLIVEIRA, Kelly de. Estudo formal dos verbos de ligação: natureza sintática e representação no módulo mental. **Cadernos CESPUC**, n. 33, p. 112-139, 2018. (Série Ensaios. Teoria gerativa: perspectivas e desafios.). DOI: 10.5752/P.2358-3231.n33p112-139. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/19175>. Acesso em: 28 out. 2019.